

CONTANDO A CULTURA INDÍGENA ATRAVÉS DAS HISTÓRIAS E DOS SENTIDOS

Sandra Prado de Lima¹
Ana Karolina Miranda de Moura

Resumo: O trabalho pretende apresentar um projeto realizado na Rede Municipal de Campinas sobre a cultura indígena, a fim de possibilitar o acesso desse legado fundamental para a compreensão da identidade brasileira, de uma maneira que alcance a atenção de todos os alunos, através da adaptação de contos indígenas para contação de histórias e a montagem de uma oficina sensorial na escola. Como referencial teórico foi utilizada a literatura que fundamenta a inclusão do público-alvo da Educação Especial na escola regular e defende as práticas pedagógicas que mobilizem e beneficiem todos os aprendentes. A metodologia utilizada é a narrativa a fim de construir significados em relação às experiências vividas no exercício do projeto desenvolvido pelas autoras.

Palavras-chave: Cultura indígena; inclusão; educação especial; contação de histórias; oficina sensorial; ensino fundamental.

Uma verdadeira inclusão tem que ser para todos? A magia da contação de história e suas sensações entram na sala de aula...

A inclusão escolar requer ações que realmente propõe mudanças principalmente na organização pedagógica, não justifica-se mais segregar nenhum aprendente e muito menos discriminar, portanto, é primordial reconhecer, valorizar e respeitar as diferenças. Para que seja assegurada a equidade de oportunidades no processo educativo é necessário considerar as diferenças naturais e sociais e eliminar barreiras. Principalmente essas últimas, as sociais, produzidas pelas relações de poder estabelecidas através da dominação ideológica vigente de uma sociedade.

É necessário superar antigas crenças constantemente para conseguir direitos e equidade de oportunidades a todos os educandos, por meio das práticas que envolvam a turma toda. O desafio é mobilizar toda a comunidade escolar, pois muitos não acreditam que crianças com deficiência são capazes de aprender. Conforme ressalta MANTOAN (2008, p. 65) sobre a atuação do professor:

Certamente um professor que engendra e participa da caminhada do saber com seus alunos e mediado pelo mundo consegue entender melhor as dificuldades e as possibilidades de cada um e provocar a construção do conhecimento com maior adequação. Os diferentes sentidos que os alunos atribuem a um dado objeto de estudo e suas representações vão se expandindo e se relacionando e revelando, pouco a pouco, uma construção original de ideias que integra as contribuições de cada um, sempre bem-vindas, válidas e relevantes. Pontos cruciais do ensinar a turma toda são o respeito à identidade sociocultural dos alunos e a valorização da capacidade de entendimento que cada um deles tem do mundo e de si mesmos. Nesse sentido, ensinar a turma toda reafirma a necessidade de se promover situações de aprendizagem que formem um tecido colorido de conhecimento, cujos fios expressam diferentes possibilidades de interpretação e de entendimento de um grupo de pessoas que atua cooperativamente.

¹ E-mail: sandradelima12@hotmail.com.

A ideia foi pensar nestas possibilidades para promover mudanças a partir de um trabalho que incluísse todos os alunos através da contação de histórias e apostar no trabalho com as percepções sensoriais. Contudo, a preocupação maior foi desenvolver a temática indígena em articulação com o projeto pedagógico da escola numa perspectiva interdisciplinar, além de aliar práticas inclusivas, transformar a aula em um momento mágico e ainda contribuir para a aprendizagem global.

Utilizamos o livro de Daniel Munduruku “Um sonho que não Parecia Sonho” que foi adaptado para contação de história, destacando conceitos ligados ao ensino da cultura indígena.

Na sequência, o projeto culminou na oficina sensorial elaborada para a IV Flisello – Festival Literário da Tosello, que reproduziu o ambiente da mata dentro da sala de aula. Logo na porta da entrada, havia a figura de uma criança indígena com uma frase do autor Daniel Munduruku em Braille. Em seguida, ao entrar na sala foi contemplado o sentido do tato, pois havia uma trilha com folhas, galho de árvores para se percorrer e a mostra de alguns utensílios de origem indígena, mais a reprodução de alguns animais em pelúcia e borracha... Para estimular a audição, adquirimos apitos que reproduziram os sons de pássaros, uma fonte que jorrava água e de fundo musical um CD com os sons da natureza. O olfato foi estimulado através do cheiro das folhas, além das ervas aromáticas. O paladar foi aguçado através da degustação de alimentos tipicamente indígenas. A interação com as crianças aconteceu em forma de rodas de conversa para verificar qual foi a percepção de cada um ao entrar no ambiente da sala sensorial. Na semana do encerramento do projeto, tivemos o privilégio de contar com a presença do autor homenageado Daniel Munduruku na escola.

Na EMEF Júlio de Mesquita Filho, a apresentação da contação de *Um sonho que não parecia sonho* foi o fechamento do projeto de contos indígenas para as turmas de terceiro ano e foi interpretada em LIBRAS para os alunos surdos das turmas.

Vivências

A metodologia elencada neste artigo e registro das memórias da vivência nesse projeto foi à narrativa, uma vez que, existe a necessidade de troca de experiências e de um diálogo mais abrangente sobre as práticas e dilemas vividos no interior das unidades escolares com o meio acadêmico, e sendo a narrativa e a contação de histórias exercícios potencializadores da aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental e praticados pelas autoras do projeto narrado neste artigo, (PRADO & SOLIGO, 2005, p. 7), vem ao encontro desse olhar ao afirmarem que:

A narrativa é um excelente veículo para tornar público o que fazemos – assim podemos ter as nossas histórias contadas. Isso é fundamental, porque a memória dos profissionais é pouco valorizada em nossa cultura. E há muitas histórias por contar... Ao narrar nossa experiência, podemos produzir no outro a compreensão daquilo que estamos fazendo e do que pensamos sobre o que fazemos.

Para além da formação das crianças de ensino fundamental, da valorização do trabalho docente e da possibilidade da compreensão do outro das nossas práticas e reflexões acerca delas, a narrativa se apresenta como instrumento de transformação do professor-pesquisador em relação ao próprio trabalho e de sua identidade como educador.

Considerações finais

Os resultados obtidos, desses momentos, um dos quais se perpetuaram na memória das crianças, cada qual com seu jeito especial de ser, repleto de significados e emoções

foram o aflorar dos estímulos sensoriais, a presteza nas interpretações, interesse em participar de teatros, e ainda propiciou aos alunos a expandir os limites da imaginação e criatividade, favorecendo a aquisição do hábito de leitura, principalmente nos livros que foram adaptados para contação de histórias.

Há uma troca de encantamentos, pois nos realizamos profissionalmente quando observamos o brilho nos olhos, a atenção e concentração das crianças quando elas escutam a história, e ao mesmo tempo, as crianças se deslumbram quando se deparam com a contação de histórias feita de uma maneira simples com pequenos efeitos especiais, das cores, sabores, cheiros, luzes, sensibilidade e objetos surpresa que vão surgindo no decorrer da história. Essa magia que nos atrai para continuarmos firmes nessa empreitada.

Referências

MANTOAN, M. T. E. (Org.) *O Desafio das diferenças na escola*. Petrópolis: Vozes, 2008.

MUNDURUKU, D. *Um sonho que não parecia sonho*. São Paulo: Caramelo, 2007.

PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. A. Memorial de Formação: quando as memórias narram a história de formação. In: PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura (Org.). *Porque escrever é fazer história*. Revelações subversões superações. 2. ed. Campinas: Gráfica FE-UNICAMP, 2005, v. 1, p. 47-62.